

galáxia

Galáxia

E-ISSN: 1982-2553

aidarprado@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo
Brasil

Anaz, Sílvia Antonio Luiz; Manzo Ceretta, Fernanda
Remitologização contemporânea: a (re)conciliação da ciência e da magia em “Guerra nas
Estrelas”

Galáxia, núm. 31, abril, 2016, pp. 130-143
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399644774010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Remitologização contemporânea: a (re)conciliação da ciência e da magia em “Guerra nas Estrelas”¹

Sílvio Antonio Luiz Anaz
Fernanda Manzo Ceretta

Resumo: Gilbert Durand identificou um processo de retorno do mito a um primeiro plano cultural no Ocidente. A popularidade de algumas produções cinematográficas e televisivas nas últimas décadas parece confirmar que essa remitologização está em andamento e alcançou novos patamares em uma era em que a linguagem audiovisual se sobrepõe. Fundamentado no conceito durandiano de imaginário como trajeto antropológico, este artigo analisa como a série “Guerra nas Estrelas” tem contribuído para essa remitologização contemporânea. A tese aqui explorada é de que ao fazer a atualização de mitos e arquétipos fundadores para construir sua própria mitologia, “Guerra nas Estrelas” reconcilia elementos científico-tecnológicos, que ocuparam progressivamente o imaginário ocidental desde o Iluminismo, com os elementos do fantástico e do mágico, que foram relegados a um segundo plano e desvalorizados desde então.

Palavras-chave: comunicação; imaginário; arquétipo; mitologia; Guerra nas Estrelas.

Abstract: Contemporary Remythologization: the (re)conciliation of science and magic in “Star Wars” - Gilbert Durand has identified that there is a process of return of the myths to a first cultural plan in the West, at least since the late 19th century. The popularity of some film and television productions released over the last four decades seems to confirm that this remythologizing process is not only underway but has already reached new levels in an era in which audiovisual media are in evidence. Based in Durand's concept of imaginary, seen as an anthropological path, this article analyzes how the film series “Star Wars” has contributed to this contemporary remythologizing process. The thesis hence explored is that, by upgrading the founding myths and archetypes in order to build its own mythology, “Star Wars” has tied up again some scientific-technological elements, which gradually took part in the Western imaginary since the Age of Enlightenment, with some fantastic and magical ones, which were relegated to the underground and devalued ever since.

Keywords: communication; imaginary; archetype; mythology; Star Wars.

¹ Esta pesquisa conta com o apoio da FAPESP e da CAPES.

O fenômeno da remitologização

A popularidade de sagas cinematográficas e televisivas que constituem mitologias próprias, atualizando mitos fundadores, como “O Senhor dos Anéis”, “Jornada nas Estrelas”, “Guerra dos Tronos”, “Lost” e “Guerra nas Estrelas”, evidencia, no âmbito da produção e do consumo de produtos da indústria criativa, a força do processo de remitologização na sociedade, fenômeno identificado por Gilbert Durand (1921-2012).

No artigo “O retorno do mito: introdução à mitodologia” (2004), Durand afirma que a sociedade contemporânea vive uma “zona de alta pressão imaginária”, que toma corpo com o Romantismo e o Simbolismo e ganha amplitude com a explosão do audiovisual no século XX. Isso ocorre, para Durand, após séculos de uma história iconoclasta, em que imagens e mitos foram excluídos ou colocados à margem pelo racionalismo científico, que privilegia um pensamento “sem imagens”, a partir da herança do aristotelismo e do Iluminismo.

O auge da visão iconoclasta e desmitologizante acontece com o positivismo, que paradoxalmente transforma-se ele próprio em um mito. Para Durand, o positivismo, que se propõe um destruidor de mitos, gera o mito do progresso e venera somente a positividade.

A partir do sonho romântico, no século XIX, consolida-se um processo de remitologização na produção cultural, com obras de artistas, cientistas e pensadores como Sigmund Freud, Friederich Nietzsche, Richard Wagner e os irmãos Lumière. Em suas obras e estudos, eles retomam o uso dos mitos e os popularizam – basta, como destaca Durand, pensar no mito de Édipo utilizado por Freud para explicar um dos seus mais importantes achados psicanalíticos.

Durand apontou algumas motivações para esse processo. Uma das mais importantes é a mudança de paradigmas nas ciências. A geometria euclidiana, o raciocínio cartesiano e a física newtoniana são questionadas pela Teoria da Relatividade e pelas descobertas no campo da física quântica, que leva ao enfraquecimento da epistemologia clássica e à total subversão da razão iluminista. O processo de remitologização se contrapõe ao paradoxo das mitologias desmitologizantes, como o positivismo.

Assim, se é o imaginário, como mostra Durand (2002), responsável pelo equilíbrio biopsicossocial do ser humano, ao negar ou eufemizar a morte, o nada e a percepção do tempo, a remitologização contribui para a restauração desse equilíbrio no homem contemporâneo.

Produções para o cinema e a televisão, que alcançam enorme popularidade, são grandes contribuintes do processo de reocupação, em certo sentido terapêutica, pelos mitos de parte significativa do imaginário do homem comum. Uma dessas produções é a saga “Guerra nas Estrelas”, que se torna uma das mais bem-sucedidas² em termos de criação de uma nova mitologia a partir da atualização de várias outras.

² De 1977 a 2005 foram lançados seis episódios da saga. Até 2013, a franquia de “Guerra nas Estrelas”, incluindo a bilheteria dos filmes e a venda de subprodutos (livros, brinquedos, DVDs, videogames), gerou receitas de US\$ 27 bilhões, segundo o Statistic Brain (<http://www.statisticbrain.com/star-wars-total-franchise-revenue/>).

A contribuição mais evidente e imediata que a saga dá ao retorno dos mitos ao imaginário contemporâneo é a atualização que ela faz da clássica jornada do herói. E ela faz isso, na hipótese aqui analisada, com a diluição da dicotomia entre ciência e magia, ao criar um universo em que esses elementos convivem harmoniosamente, restaurando uma coexistência no âmbito do imaginário que remete ao que acontecia nos primórdios da Revolução Científica, quando a alquimia e a astrologia compartilhavam o mesmo status que a matemática e a física. Isso pode ser o resultado de como a narrativa de “Guerra nas Estrelas” preenche e atualiza alguns dos principais arquétipos que a fundamentam.

Para começar a analisar a contribuição da saga à remitologização contemporânea sob o aspecto da reconciliação entre ciência e magia, e como isso pode ser um dos principais fatores do seu sucesso, é preciso entender o papel dos arquétipos como matrizes geradoras de mitos.

Matrizes arquetípicas da ciência e da magia em “Guerra nas Estrelas”

O percurso narrativo no universo mitológico de “Guerra nas Estrelas” reproduz integralmente a jornada do herói (monomito) apresentada por Joseph Campbell, a partir de seus estudos sobre os elementos comuns das narrativas heroicas em diferentes culturas e épocas. As etapas da jornada do herói descritas por Campbell na obra “O herói de mil faces” são seguidas integralmente pelos protagonistas de “Guerra nas Estrelas”, conforme demonstra Vogler (1998). Uma pista de que a narrativa foi planejada para seguir a jornada do herói é a entrevista de George Lucas, criador de “Guerra nas Estrelas”, a Bill Moyers, concedida em 2012³, na qual afirma que Campbell foi um de seus mentores.

Além de Campbell, outra importante influência reconhecida por Lucas é a de Akira Kurosawa, cujos filmes como “Os Sete Samurais” (1954) e “A Fortaleza Escondida” (1958), o ajudaram a fazer de “Guerra nas Estrelas” uma narrativa sobre “cowboys no espaço” (BRODE; DEINEKA, 2012), atualizando os temas centrais dos faroestes e inserindo elementos de filosofias orientais, como taoísmo e zen budismo, e também do estoicismo grego (DECKER; EBERL, 2005). Lançada em 1977, a saga é um ponto de inflexão no cinema *mainstream*. Após uma década de sucessos mais sombrios, como “Easy Rider” (1969), “Midnight Cowboy” (1969), “Taxi Driver” (1976) e “Apocalypse Now” (1979), com seus anti-heróis e visões pessimistas, “Guerra nas Estrelas” traz de volta a força das narrativas clássicas do herói e das aventuras centradas no tema do bem versus o mal, em que as coisas sempre terminam bem (BRODE; DEINEKA, 2012).

A jornada do herói na saga, amplamente analisada em diversos estudos e sob várias perspectivas, é fértil em elementos simbólicos associados à ciência, à alta tecnologia e à magia. Há uma proliferação de elementos que remetem a elas, fazendo a narrativa fluir entre a ficção científica e a fantasia e colocando em evidência as relações entre as visões

³ Ver em <http://billmoyers.com/2012/08/09/moyers-moment-1999-george-lucas-on-mentors-and-faith/>

de mundo cética e empírica (científica) e mística (mágica) e o papel que a alta tecnologia assume nos fatos e junto aos personagens. Esses fatores parecem ser alguns dos mais relevantes na atração que a mitologia de “Guerra nas Estrelas” exerce sobre a audiência, afinal, entre os elementos mais emblemáticos e prestigiados da saga estão símbolos de alta tecnologia, como os sabres de luz, a nave Millenium Falcon, os caças X-Wing Starfighter e as imagens dos heróis e vilões céticos ou místicos, como Han Solo, Darth Vader, Luke Skywalker e Obi-Wan Kenobi.

Esses elementos simbólicos derivam de matrizes arquetípicas que exercem um papel predominante na narrativa. Entre os arquétipos mais evidentes à primeira vista estão a escuridão, a claridade, o mentor, o monstro (vilão) e o herói (em suas várias faces).

Baseado na ideia de “imagens primordiais”, que emergem do inconsciente e têm sentidos permanentes e universais, desenvolvida por C. G. Jung, Durand concebe os arquétipos como as primeiras matrizes ou formas que surgem na mente quando das interações dos esquemas e estruturas biopsicológicas do *homo sapiens* com a cultura e a natureza.

Os esquemas e estruturas que compõem o imaginário relacionam-se, segundo Durand (2002), às características biopsicológicas básicas do *homo sapiens*, que são os reflexos dominantes postural, digestivo e copulativo, identificados pela escola russa de psicologia objetiva. A formação dos arquétipos se dá no que Durand chama de “trajeto antropológico”, que une o biológico (reflexos dominantes, estruturas e esquemas psicológicos) ao cultural (criação de elementos simbólicos). É desse trajeto que surge o imaginário, entendido como o conjunto de todos os elementos simbólicos produzidos pelo *homo sapiens* (DURAND, 2002).

No trajeto antropológico, de mão dupla, reversível e de gênese recíproca, cada reflexo dominante está articulado a esquemas e estruturas específicos que resultam em arquétipos que, racionalizados, geram os mitos. Assim, é a partir do preenchimento por uma determinada cultura, em um determinado momento histórico, das matrizes ou formas arquetípicas, de caráter universal e não ambivalentes, que se desenvolvem as narrativas mitológicas de um determinado imaginário.

Em sagas como “Guerra nas Estrelas”, assim como na vida, os arquétipos podem ser entendidos como funções assumidas temporariamente por determinada pessoa ou personagem para alcançar certos objetivos (VOGLER, 1998, p. 25), ou seja, pensando-se a partir da visão durandiana, cada pessoa ou personagem é o resultado da conjunção de múltiplos arquétipos que emergem no trajeto antropológico, na “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras [gestos dominantes, estruturas e esquemas] e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 2002, p. 41).

A trama de “Guerra nas Estrelas” traz o antagonismo entre personagens que se alinham, muitas vezes de forma fluida, entre os simbolismos derivados dos arquétipos da luz (claridade) e da escuridão (trevas). Sendo a luz associada à esperança, renovação e à bondade, e a escuridão ao temor, escondido, sofrimento e maldade.

O acervo de imagens arquetípicas do *The Archive for Research in Archetypal Symbolism* mostra que a luz tem sido pensada pelo homem como algo que esclarece (Iluminismo), como o que concretiza o mundo, que faz brilhar e irradiar, enquanto a escuridão, que é ausência dessas propriedades da luz, extingue, eclipsa e engole (MARTIN, 2014 p. 100): “sendo ausência, a escuridão atrai as projeções humanas de deficiência moral ou mental, frequentemente traduzidas em termos de pecado ou de mal”.

A dicotomia arquetípica se materializa na saga em vários antagonismos em primeiro plano, como na disputa entre os Jedi, mestres da luz, e os Sith, mestres da escuridão, entre o Império (escuridão) e a Aliança Rebelde (luz), entre Darth Vader (escuridão) e Luke Skywalker (luz). Essas disputas são apresentadas na narrativa como o resultado de um desequilíbrio de um elemento central da mitologia de “Guerra nas Estrelas”: a “Força”, um campo energético que reúne a luz e a escuridão e cujo equilíbrio precisaria ser reestabelecido.

Sob a perspectiva durandiana, a disputa entre os elementos derivados dos arquétipos da luz e da escuridão é fruto de uma mesma estrutura do imaginário. No universo dos elementos ligados à ciência, tecnologia e magia, as oposições radicais entre o claro e puro (simbolizando a filosofia Jedi) e o escuro e maculado (simbolizando a filosofia Sith), herói (Luke Skywalker, Han Solo) e monstro (Darth Vader, as tecnologias do Império), a idealização autista dos mestres Jedi ou Sith, a cisão da mística “Força” entre o lado escuro e o iluminado, a importância das armas (os sabres de luz usados pelos Jedi e Sith) e o esquema verbal do distinguir caracterizam as estruturas heroicas do imaginário na classificação de Durand (2002), ligadas à dominante postural (ascensão e separação).

Além da luz e escuridão, duas outras matrizes arquetípicas que produzem à primeira vista importantes símbolos ligados à ciência, tecnologia e magia na narrativa são as do herói e do mentor. Os personagens Obi-Wan Kenobi, Yoda (Jedi) e Darth Sidious (Sith) são personificações do arquétipo do mentor em “Guerra nas Estrelas”, imagens da figura protetora e sábia – geralmente mais velha – que ajuda o herói (ou vilão) em sua jornada. Entre os personagens que preenchem o arquétipo do herói – entendido como alguém especial, dotado de caráter e qualidades nobres e destinado à grandeza e ao sacrifício – estão os personagens Anakin Skywalker, Luke Skywalker, Princesa Leia e Han Solo. Os preenchimentos dos arquétipos do herói e do mentor, por suas características de distinção, hierarquização e antítese (herói x monstro e mestre x discípulo) revelam mais uma vez o predomínio da estrutura heroica, ligada à dominante postural, na classificação de Durand (2002).

Os arquétipos dominantes na mitologia de “Guerra nas Estrelas” conduzem à primeira vista ao predomínio das estruturas heroicas do imaginário ou do que Durand classificou como o regime diurno de imagens⁴. Esse que é um regime que predomina na era científica

4 Os esquemas e estruturas do trajeto antropológico do imaginário foram agrupados e classificados por Durand (2002) nos regimes de imagens diurno e noturno. O diurno reúne estruturas heroicas ligadas ao gesto postural e regidas pelas lógicas da oposição, ascensão, virilidade, separação e polêmica, representando a “vitória” sobre a morte e o tempo. O noturno reúne as estruturas místicas, derivadas do gesto digestivo, e as estruturas sintéticas, derivadas do gesto copulativo, que buscam a construção de uma harmonia e a união, regidas pelas lógicas do mergulho íntimo, quietude, gozo, aconchego, do cíclico e da progressão no tempo, representando uma “eufemização” e a inversão dos significados simbólicos da morte e do tempo.

e de alta tecnologia, Iluminista e positivista⁵ estabelece na saga uma relação de aparente convivência e não de disputa com os elementos simbólicos que remetem à magia.

Para compreender se isso realmente ocorre (e de que forma) e quais sentidos gera, esta investigação enfoca as relações estabelecidas em algumas das matrizes arquetípicas de “Guerra nas Estrelas”. Especialmente naquelas cujos elementos simbólicos remetem à ciência, tecnologia e magia. Para fazer isso, a análise centra-se na trajetória de dois personagens que explicitam esse fenômeno: o cético e pragmático Han Solo e Anakin Skywalker, sensível à “Força”, considerado o “escolhido” para reequilibrá-la e cuja trajetória vai levá-lo de aprendiz dos mestres Jedi, e potencial herói, a tornar-se um dos principais vilões, como um dos Lordes Sith. A seguir, veremos como suas trajetórias revelam a relação entre ciência, tecnologia e magia na saga.

Ciência, tecnologia e magia nos percursos de Anakin Skywalker e Han Solo

George Lucas define “Guerra nas Estrelas” como a “tragédia de Darth Vader”⁶. A jornada de Anakin Skywalker, de aspirante a Cavaleiro Jedi à transformação em um Lorde Sith, já como Darth Vader, explicita também um imaginário em que ciência, tecnologia e magia se (con)fundem. Esse processo, no entanto, não acontece sem um contraponto a essa união de opostos, representado na trajetória heroica e cética de Han Solo.

A tragédia de Anakin Skywalker segue a jornada clássica do herói, mostrando sua origem, auge e morte/renascimento – ainda que com sinais invertidos a partir do final do terceiro episódio, quando ele transforma-se em Darth Vader, o principal vilão da saga. A narrativa mostra que Anakin, quando criança, foi resgatado da escravidão por um mestre Jedi (Qui-Gon Jinn) que acreditou ter encontrado o “escolhido” para reestabelecer o equilíbrio da Força. A Força, no universo de “Guerra nas Estrelas”, é definida como “um campo energético criado por todas as coisas vivas – ela está entre nós, dentro de nós, e une toda a galáxia”⁷. Diferente da serenidade típica dos Jedi, Anakin demonstra sentimentos intensos e conflituosos. É o medo de perder pessoas queridas de seu convívio que o leva a entregar-se ao lado negro da Força em busca de um poder maior, capaz de controlar a vida e suas inevitabilidades, como a morte. Anakin Skywalker torna-se então

⁵ Para Durand (1985, 2002, 2004), as características das estruturas heroicas do regime diurno (antíteses, idealização e autismo, diáretismo e geometrismo) prevalecem no pensamento ocidental filiado às correntes filosóficas empírico-racionalista-positivistas, que vão de Aristóteles até pelo menos Augusto Comte.

⁶ Em entrevista de 2008, George Lucas afirmou que a história de Guerra nas Estrelas é simplesmente a tragédia de Darth Vader (<http://screenrant.com/star-wars-sequels-george-lucas-interview-2008/>)

⁷ Frase de Obi-Wan Kenobi, no episódio “Uma Nova Esperança”. A “Força” em “Guerra nas Estrelas” é um campo energético criado por todas as coisas vivas e responsável por manter a galáxia coesa. O lado iluminado e o lado escuro constituem-se em aspectos morais dessa energia, que se manifestam pela conduta e pelas emoções dos seres que alimentam e são alimentados por ela. O lado iluminado está relacionado à compaixão, desprendimento, autoconhecimento, entendimento, piedade e benevolência, enquanto o escuro está ligado ao ódio, medo, cobiça, raiva, agressão, inveja e malevolência.

Darth Vader, um dos principais comandantes do Império que controla o universo sob um regime repressor e baseado em medo.



Fig. 1. Cena do episódio “A Vingança dos Sith”, em que robôs usam alta tecnologia para reconstruir o corpo de Anakin Skywalker, processo que simboliza sua transformação final em Darth Vader e a fusão “ser-máquina”. Cena paralela mostra o parto dos filhos do personagem, contrastando dois nascimentos: um natural e outro antinatural (tecnológico).

Já Han Solo é um expoente da visão cética. Exímio piloto, ele realiza trabalhos solitários e, muitas vezes, ilegais para negociantes inescrupulosos. Após perder um carregamento importante e ficar em dívida com um de seus contratantes, ele aceita ajudar os Jedi e a Aliança Rebelde em troca de uma recompensa. A forte identificação com as insatisfações do grupo em relação ao Império faz com que siga atuando ao lado da Aliança Rebelde, descobrindo a amizade e a importância do coletivo.



Fig. 2. Cena do episódio “Uma Nova Esperança”: o herói cético e pragmático Han Solo (à direita) no comando de sua nave Millennium Falcon. Ao seu lado, heróis com outras faces, como o “animalesco” Chewbacca, o “místico” e “mestre” Obi-Wan Kenobi e o “aprendiz” Luke Skywalker.

O mapeamento dos elementos simbólicos nas trajetórias desses personagens tem como referência a metodologia da mitocrítica⁸ proposta por Durand (1985). Desenvolve-se, assim, uma busca pelos mais redundantes temas, motivos e elementos simbólicos que remetem à ciência, tecnologia e magia nas trajetórias de Anakin Skywalker/Darth Vader e Han Solo nos seis primeiros episódios de “Guerra nas Estrelas”. Os elementos encontrados são então agrupados por convergência e isomorfismo. O quadro a seguir (Tabela 1) mostra o resultado do mapeamento:

Anakin Skywalker / Darth Vader	Han Solo
<p>Construtor/inventor (ter a capacidade de criar, construir e melhorar equipamentos de alta tecnologia como robôs e veículos)</p> <p>Conhecimento e habilidade tecnológicos (ter a habilidade para pilotar naves e veículos, consertar e manusear equipamentos de alta tecnologia)</p> <p>Energia mística - poderes mágicos (possuir poderes de clarividência, telecinese, telepatia, sensibilidade)</p> <p>O escolhido (ser o “messias”, a realização da profecia e do destino, responsável por reequilibrar as forças e trazer a ordem de volta ao cosmos)</p> <p>Preparação (passar pelo processo de “treinamento” espiritual e corporal para controlar o campo energético místico que forma e une o cosmos – a Força)</p> <p>Energia mística negativa (possuir e não controlar sentimentos como medo, raiva e ódio, que alimentam a energia mística negativa – o lado negro da Força)</p> <p>Ser-máquina (fusão do corpo humano à tecnologia, formando um ser biônico e apartado do mundo natural, de forma que a mediação com o cosmos se dá através da tecnologia)</p> <p>Tecnologia bélica (usar a alta tecnologia predominantemente em lutas e disputas com finalidades bélicas a partir da habilidade no manuseio de armas e na condução de naves)</p>	<p>Conhecimento e habilidade tecnológicos (ter a habilidade para pilotar naves e veículos, consertar e manusear equipamentos de alta tecnologia)</p> <p>Ceticismo x misticismo (questionar a crença em energias místicas e na efetividade da Força, a partir do paradigma científico empírico-racional)</p> <p>Tecnologia bélica (usar a alta tecnologia predominantemente em lutas e disputas com finalidades bélicas a partir da habilidade no manuseio de armas e na condução de naves)</p>

Tab. 1. Mais redundantes motivos, temas e elementos simbólicos relacionados à ciência, tecnologia e magia e suas funções na narrativa.

⁸ “Metodologicamente, a abordagem da “obra” pode-se dar em três momentos que decompõem os estratos mitêmicos: 1.º) Inicialmente, um levantamento dos “temas”, por vezes dos motivos redundantes, senão “obsessivos” (Mauron, Sorokin), que constituem as sincronias míticas da “obra”. 2.º) A seguir, podem ser examinados, com o mesmo espírito, as situações e a combinatória de situações, personagens e cenários (E. Souriau, G. Bachelard, G. Durand, E. Goffman, M. Maffesoli). 3.º) Enfim, valendo-se de um modo de tratamento “à americana”, tal como Lévi-Strauss procede com o mito de Édipo, podem ser detectadas as diferentes lições do mito (diacronia) e as correlações de uma tal lição de um tal mito com as de outros mitos de uma época ou de um espaço culturais bem determinados” (DURAND, 1985, p. 252-253).

A partir do mapeamento, busca-se identificar as principais matrizes arquetípicas preenchidas pela narrativa – afinal, os arquétipos podem ser identificados apenas através dos efeitos que produzem (SHELBURNE, 1988, p. 37). Para tanto, e tomando por base a estrutura antropológica do imaginário (Durand), faz-se a convergência dos elementos identificados para os esquemas, estruturas e regimes de imagem diurno e noturno (Tabela 2).

Diurno (lógicas da oposição, ascensão, virilidade, separação e polêmica)	Noturno (lógicas do mergulho íntimo, quietude, gozo, aconchego, união, mistura, cíclico e progressão)
Construtor/inventor Conhecimento e habilidade tecnológicos Ser-máquina Tecnologia bélica Ceticismo x misticismo	Energia mística – poderes mágicos Energia mística negativa O escolhido Preparação

Tab. 2. Principais motivos, temas e elementos simbólicos relacionados à ciência, tecnologia e magia agrupados por regime e estrutura do imaginário.

A relação dos regimes do imaginário com as respectivas estruturas e esquemas figurativos que levam às formações arquetípicas apontam para os arquétipos (Tabela 3) que geram os motivos, temas e elementos simbólicos relacionados à ciência, tecnologia e magia encontrados em “Guerra nas Estrelas”.

Regime de Imagem Estrutura/Esquema Lógicas	Tema Motivo Elemento simbólico	Arquétipos substantivos	Arquétipos epitéticos
Diurno Estruturas heroicas Esquemas de ascensão e separação Lógicas da oposição, ascensão, virilidade, separação e polêmica	Construtor/inventor Conhecimento e habilidade tecnológicos Ser-máquina Tecnologia bélica Ceticismo x misticismo	Pai, Criador, Inventor, Herói Herói, Proficiente Híbrido, Herói, Monstro Armas Cientista, Herói, Místico	Origem, Criação Sabedoria Antinatural Luta, Bem x Mal Claro x Escuro
Noturno Estruturas místicas e sintéticas Esquemas de queda, rebaixamento e cíclico Lógicas do mergulho íntimo, quietude, gozo, aconchego, união, mistura, do cíclico e da progressão	Energia mística – poderes mágicos Energia mística negativa O escolhido Preparação	Mago, Herói Mago, Monstro Messias, Herói Mestre-Aprendiz, Místico	Escondido Escuro, Mal Futuro, Profecia Queda (mergulho), Profundo

Tab. 3. Matrizes arquetípicas do imaginário científico, tecnológico e mágico de “Guerra nas Estrelas”.

A distribuição nos regimes de imagem (Quadro 3) tem finalidade metodológica apenas, para visualizar as relações que são estabelecidas entre os esquemas e estruturas

figurativas de cada regime do imaginário com os arquétipos. Essas estruturas não são rígidas e não há um determinismo na relação esquemas-estruturas-arquétipos⁹. Um mesmo arquétipo pode aparecer nos dois regimes de imagem, e o que determina sua relação com o regime diurno ou noturno é a função que ele assume na narrativa. Afinal, conforme Durand (2002) apresenta no trajeto antropológico do imaginário, o arquétipo surge do encontro dos esquemas e estruturas relacionados aos gestos dominantes com os mundos natural e social.

O mapeamento dos mais redundantes elementos simbólicos relacionados à ciência, tecnologia e magia, identificado no imaginário de “Guerra nas Estrelas”, mostra que, além de um equilíbrio entre os regimes diurno e noturno, destacam-se, entre as principais matrizes arquetípicas na saga, as convergências por isomorfismo para os arquétipos do herói, em suas faces como cientista, messias, inventor (criador) e conhecedor de alta tecnologia, e do mago, que agrega o mestre, o híbrido e o místico (Figura 3). Além disso, os arquétipos do herói e do mago se fundem em vários personagens centrais.



Fig. 3. Arquétipos relacionados à ciência, tecnologia e magia em “Guerra nas Estrelas”.

A partir desse retrato do imaginário de “Guerra nas Estrelas”, analisa-se a seguir como a narrativa faz a (re)conciliação entre ciência, tecnologia e magia e que sentidos esse imaginário constrói e compartilha com a audiência.

⁹ O conceito de percurso antropológico do imaginário de Durand é antideterminista à medida que evidencia o poder criador da imaginação humana, que, apesar de, inevitavelmente, estar ligada a características biopsicológicas, culturais e naturais, é capaz de subverter qualquer determinismo materialista.

(Re)Equilíbrio entre o científico e o místico

Na bacia semântica que forma o imaginário de “Guerra nas Estrelas” – salvo por pontuais confrontos entre as visões de mundo empírica-racional e mística, expressas, por exemplo, na trajetória de Han Solo, um herói de trajetória quase que puramente “diurna” (Tabela 1) – predomina a harmonização entre ciência, tecnologia e magia (conforme o apresentado nas Tabelas 2 e 3), sendo a trajetória de Anakin Skywalker (Tabela 1) exemplar desse fenômeno.

Os arquétipos do herói e do mago destacam-se nesse imaginário como matrizes de elementos simbólicos que assumem papéis cruciais na saga. Não apenas individualmente eles se relacionam a imagens, símbolos e mitos centrais da narrativa, como a combinação deles produz a maior parte dos principais personagens, como Anakin Skywalker/Darth Vader, Luke Skywalker, Yoda, Obi-Wan Kenobi e Qui-Gon Jinn, que assumem as duas máscaras: do herói e do mago.

E como o visto na relação desses arquétipos com os temas, motivos e elementos simbólicos identificados (Tabela 3), tanto o herói como o mago são também cientistas, conhecedores e manipuladores de alta tecnologia, construtores e inventores.



Fig.4. O cavaleiro Jedi Obi-Wan Kenobi em cena de “Uma Nova Esperança”. O místico mestre com o sabre de luz simboliza a fusão da ciência, tecnologia e magia. Em “Guerra nas Estrelas”, a tecnologia é mesclada aos talentos do corpo, à desenvoltura de guerreiros representados nos filmes de Akira Kurosawa (influência constante na narrativa da saga).

O equilíbrio e a fusão entre forças e visões de mundo opostas – a científica e a mágica – pode ser o resultado de um realinhamento em andamento no campo do imaginário na sociedade contemporânea.

Em “Guerra nas Estrelas”, o imaginário científico-tecnológico, dominado pelos esquemas “diurnos” da ascensão e separação, que parecem ainda preponderar

na Modernidade, principalmente influenciados pelo positivismo, é permeado por matrizes arquetípicas relacionadas aos esquemas e estruturas “noturnos”, como as da queda, do escondido, escuro e profundo.

Esses índices arquetípicos podem ser pistas das movimentações entre os mitos fundadores dominantes na contemporaneidade. Para Durand (1985), os mitos estão sempre circulando nas sociedades ao longo da história, com as instâncias míticas existindo de forma patente ou, mais comumente, de forma latente e difusa. Com algumas delas sendo dominantes ao longo de um período.

Na era da ciência moderna, é evidente o domínio de mitos como o de Prometeu, que remete ao auto-sacrifício em busca do conhecimento, e de Fausto, que remete ao homem moderno não temente a Deus. Ambos também expressam os riscos do descomedimento (*hybris*) do homem em relação ao conhecimento e à tecnologia.

O sucesso da colocação do mito de uma energia mística – quase religiosa – no centro de uma narrativa de ficção científica, harmonizando-a com as práticas, costumes e ética científico-tecnológicas, pode sinalizar a atualização e a ascensão ao primeiro plano do imaginário coletivo de um mito em que predomina a lógica do regime noturno das imagens. Mito este alçado à mesma importância de Prometeu e Fausto nos dias atuais e que reúne os arquétipos (máscaras) do herói e do mago, do escuro e do claro, do saber e do escondido.

Mito que represente uma resposta às preocupações filosóficas, como as de Martin Heidegger, sobre a relação que o homem estabelece com a tecnologia. O filósofo desenvolve, na conferência “Serenidade”, apresentada em 1955, a ideia de que a tecnologia pode aprisionar assim como libertar o homem, dependendo de como ela é pensada: se apenas a partir de um “pensar calculador” – que vê o mundo como um objeto conformado a cálculos e previsões e que se mostra um pensar tão eficiente que se corre o risco de ficar-se somente nele – ou de um “pensar que medita”, que faz uma reflexão meditativa sobre a tecnologia e o ser (HEIDEGGER, 2001).

É a reflexão meditativa, para Heidegger, o tipo de pensamento capaz de refletir sobre a essência da tecnologia e do ser humano e o que impede o homem de tornar-se prisioneiro do círculo virtuoso e vicioso tecnológico. O ser humano tem de saber dizer sim e não para os objetos tecnológicos, meditar sobre a essência deles e não deixar a tecnologia autonomamente ditar sua vida, segundo Heidegger (*ibid*). Nesse sentido, pode-se associar o “pensamento que calcula”, descrito por ele, a um pensar autista, relacionado ao regime diurno da classificação de Durand.

Sob esse ponto de vista heideggeriano, no imaginário que emerge de “Guerra nas Estrelas”, a (re)conciliação entre ciência e magia, que reflete o equilíbrio entre arquétipos dos regimes diurno e noturno e das lógicas que regem esses regimes, sinaliza uma ascensão do “pensamento que medita”, relacionado ao regime noturno durandiano, expresso principalmente pelos arquétipos do mago e do mestre nos Jedi, em contraponto ao “pensamento que calcula”, relacionado ao regime diurno durandiano, expresso principalmente nos arquétipos da luta (tecnologias bélicas) e do híbrido, do antinatural (do ser-máquina Darth Vader).

Assim, “Guerra nas Estrelas”, além de exemplo bem-sucedido da contribuição do cinema à remitologização contemporânea, identificada por Durand, oferece também pistas de uma transformação dos mitos dominantes, ao menos no âmbito do imaginário construído e compartilhado pelo cinema.

O imaginário da saga possivelmente expressa uma tentativa em andamento de reequilíbrio biopsicossocial não apenas pela restauração e atualização do mito, mas também pela reordenação da importância de determinados mitos na contemporaneidade, na qual os mitos predominantemente “diurnos”, quase que onipresentes no imaginário científico-tecnológico da Modernidade, cedem espaço aos predominantemente “noturnos”.

Para confirmar e melhor compreender esse fenômeno é preciso avançar para uma análise mais ampla, incluindo outras produções cinematográficas e televisivas contemporâneas, assim como estudos junto à audiência para identificar quais arquétipos e mitos patentes ou latentes estão emergindo e circulando nos imaginários individuais e coletivos.

Sílvia Antonio Luiz Anaz é pós-doutorando em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

silvioanaz@hotmail.com

Fernanda Manzo Ceretta é doutoranda em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.

fmceretta@gmail.com

Referências

- BRODE, D.; DEINEKA, L. (Ed.). **Myth, media, and culture in Star Wars** – an anthology. Plymouth: The Scarecrow Press, 2012.
- CAMPBELL, J. **The Hero with a Thousand Faces**. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- DECKER, K. S. & EBERL, J. T. (Org.). **Star Wars and Philosophy**. Chicago: Open Court, 2005.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- _____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. O retorno do mito: introdução à mitologia (mitos e sociedades). In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 23, abril de 2004, pp. 7-22.
- _____. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. In: **Revista da Faculdade de Educação**, vol. 11 (1/2), pp. 243-273, 1985.
- GARRY, J.; EL-SHAMY, H. (Org.). **Archetypes and motifs in folklore and literature**. Nova York: M.E. Sharpe, 2004.

HEIDEGGER, M. **Serenidade**. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 2001.

MARTIN, K. (Editor). **O livro dos símbolos**. Colônia: Taschen, 2010.

SHELBURNE, W. A. **Mythos and logos in the thought of carl jung**. Nova York, New York State University Press, 1988.

VOGLER, C. **The writer's journey: mythic structure for writers**. Los Angeles: Michael Wise Productions, 1998.

*Artigo recebido em janeiro
e aprovado junho de 2015.*